

DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO NA INVESTIGAÇÃO SOBRE SOCIALIZAÇÃO ÉTNICA

A diversidade na forma de mensuração marcou a evolução da pesquisa sobre socialização étnica e racial. No presente capítulo, apresentaremos algumas das estratégias metodológicas mais utilizadas pelos pesquisadores, destacando-se os estudos específicos sobre construção e validação de instrumentos elaborados para a mensuração da socialização racial e étnica.

Observa-se em relação às formas de coleta dos dados a presença de duas estratégias: 1) análises qualitativas, tais como grupos focais e etnografias; e 2) análises quantitativas, tais como questionários e escalas padronizadas. Em relação à fonte de coleta dos dados, existem estudos que são direcionados aos agentes socializadores e aqueles direcionados aos receptores do processo de socialização. Na revisão sistemática anterior, referimos alguns estudos que avaliam a socialização étnica e racial utilizando-se de estratégias mais qualitativas, como os estudos de Thornton et al. (1990) e Coard et al. (2004). Outros, mais quantitativos, iniciaram a padronização de escalas como a apresentada no estudo de Spencer (1993), Stenvenson (1994) e Hugles e Chen (1997). Já o estudo de Thomas e Speight (1999) fez referência a *Black Parental Attitude Scale* (BPA) de Johnson (1980), que parece ser a primeira escala de socialização racial e étnica dirigida aos pais, que por meio de 17 itens em formato

Likert, informavam suas crenças acerca da importância de transmitir mensagens sobre questões raciais a seus filhos.

Stevenson, Jr., Cameron, Herrero-Taylor e Davis (2002) desenvolvem a escala *Teenagers Experience of Racial Socialization-TERS*, e esta avalia a frequência das mensagens de socialização recebidas pelos adolescentes e distingue-se da *Scale of Racial Socialization for African American Adolescents-SORS-A* (STEVENSON, 1994), na medida em que mensura crenças dos adolescentes em vez de comportamentos e atitudes. A TERS foi construída com o mesmo modelo teórico de socialização racial discutido em Stevenson (1994), contemplando aspectos proativos (e.g., consciência do racismo) e protetores (e.g., apoio da família extensa, ensino da história e cultura étnico racial) das estratégias parentais em famílias afro-americanas.

A escala possui quarenta itens, distribuídos em cinco fatores: 1) *Enfrentamento Cultural ao Antagonismo*; 2) *Reforço do Orgulho Cultural*; 3) *Valorização da Cultura Herdada*; 4) *Vigilância para Discriminação* (CAD); e 5) *Adesão à Cultura Dominante* (CEM). Os quatro primeiros fatores compõem a dimensão denominada de *Experiência de Socialização Cultural* (CULTRS). A resposta tem um formato de frequência de 3 pontos (1-nunca, 2-algumas vezes, 3-muitas vezes). O estudo verificou que os meninos recebem mais mensagens direcionadas à vigilância para a discriminação (CAD) que as meninas e que as mensagens que abrangem a dimensão CULTRS são mais frequentes entre as famílias cujos membros tiveram experiências anteriores de racismo.

Lesane-Brown, Brown, Caldwell e Sellers (2005) propõem um inventário de socialização racial CRSI (*Comprehensive Race Socialization Inventory*). O CRSI foi construído a partir da junção de inventários anteriores, mantendo os pontos fortes e acrescentando conteúdos omitidos nos inventários existentes. Os autores procuraram reunir características prevalentes quanto aos comportamentos veiculados nas mensagens de socialização étnica, as mensagens mais usadas e suas fontes. Essas últimas avaliam se os jovens transmitiriam as mesmas mensagens recebidas de seus pais para seus próprios filhos. O inventário é composto por questões abertas, solicitando-se que o respondente forneça exemplos; e questões fechadas com resposta dicotômica (sim x não). Em relação à análise de confiabilidade, os autores defendem que a escala não possui um fator comum que explica as correlações entre itens, e sendo a socialização étnica um processo dinâmico. Quanto à validade, afirma-se que o CRSI fundamenta-se em inventários já validados.

Brown e Krishnakumar (2007) desenvolveram e validaram a *Adolescent Racial and Ethnic Socialization Scale* – ARESS. A construção dessa escala iniciou com a seleção de itens retirados *Teenagers Experiences of Racial Socialization Scale* (TERS-S; STEVENSON et al., 2002), e do conteúdo e modos de transmissão destacados na análise qualitativa da socialização racial de Coard et al. (2004). O questionário desenvolvido foi revisado através de um grupo focal com oito estudantes de graduação que se auto identificaram como afro-americanos. Os participantes do grupo focal leram os itens cuidadosamente e, em seguida, preencheram o questionário ARESS recém-desenvolvido. Eles tiveram a oportunidade de discutir em grupo sobre as limitações e clareza dos itens da escala. Em seguida, os itens foram revisados por um grupo de seis professores do ensino médio da escola onde a coleta de dados ocorreu, foram feitas as alterações com base na revisão do grupo focal e dos professores.

A escala ARESS foi composta por duas amplas dimensões: socialização racial e socialização étnica. A primeira, composta por quatorze itens, distribuídos em três fatores: (a) *Consciência das barreiras raciais*; (b) *Enfrentamento do racismo e discriminação*; e (c) *Promoção de relações inter-raciais*. A dimensão de socialização étnica foi composta por vinte e dois itens, distribuídos em cinco fatores: (a) *Valores culturais afro-americanos*; (b) *Inclusão cultural afro-americana*; (c) *História afro-americana*; (d) *Celebração da herança afro-americana*; e (e) *Promoção do orgulho étnico*. Os itens são mensurados em termos da frequência com que os cuidadores usam as estratégias (0 = nunca, 1 = algumas vezes, 2 = muitas vezes, 3 = sempre).

Ambas as dimensões apresentaram confiabilidade interna e a validade discriminante foi evidenciada para ambos os cuidadores (mãe e pai), observando-se baixa covariância entre os construtos da socialização racial e étnica. A socialização racial e a socialização étnica, avaliadas através da ARESS previram o funcionamento positivo do adolescente para a maioria das variáveis analisadas, como baixos níveis de comportamentos delinquentes e altos níveis de desempenho acadêmico. Outros resultados demonstraram a influência do sexo dos pais no processo de socialização racial e étnica dos jovens, verificando-se que a mãe se envolve mais no processo de socialização racial do que o pai. Não houve associação entre socialização racial do pai e desempenho acadêmico. No entanto, houve uma relação significativa entre esses construtos para a socialização empreendida pela mãe. Por outro lado, não houve associação entre socialização racial materna e depressão/ansiedade na adolescência, mas essa relação foi significativa para a socialização racial paterna.

Bentley-Edwards e Stevenson (2016) desenvolveram uma escala de aferição das *Experiências Culturais e Raciais de Socialização-CARES*. Trata-se de uma medida multidimensional baseada na Teoria da Avaliação do Enfrentamento do Encontro Racial e Socialização (*Racial Encounter Coping Appraisal and Socialization theory- Recast*). A *Recast* propõe que a socialização racial e étnica media o stress ou enfrentamento da discriminação e identidade racial. De modo que, quanto mais um indivíduo experimenta ou está exposto a mensagens de socialização racial e étnica, mais torna-se capaz de gerenciar com sucesso o estresse associado aos conflitos raciais, devido à prática das habilidades cognitivas, comportamentais e emocionais associadas a essas situações. Assim, a escala CARES possui 35 itens e uma solução de 5 fatores: 1) *Proteção Racial* (“Você precisa trabalhar duas vezes mais do que os brancos para subir na vida”, “É importante lembrar a experiência da escravidão dos negros”); 2) *Conhecimento Culturais* (“Você deve aprender mais sobre a história dos negros, para impedir que as pessoas o tratem injustamente”); 3) *Estereótipo Racial* (“Homens negros só querem sexo”, “Negros pobres estão sempre a procura de caridade”, “Os esportes são a única maneira das crianças negras ascenderem socialmente”); 4) *Enfrentamento Bicultural* (“O mundo se tornou tão multicultural, é errado dar atenção apenas às questões dos negros”, “Viver em um bairro totalmente negro não é uma maneira de mostrar seu sucesso”); e 5) *Pensamento Cultural da Velha Escola* (“Conhecer sua herança africana é importante para a sobrevivência dos negros”, “Treine uma criança no caminho que deve seguir, e ela não se afastará dele”).

A CARES apresentou forte confiabilidade. Nesse estudo, observou-se que os meninos receberam mais mensagens de socialização racial e étnica, especificamente mensagens de *Proteção Racial* e *Enfrentamento Bicultural*, indicando maior preocupação com a forma como os homens negros são percebidos. A CARES também se correlacionou positivamente com o racismo percebido, exceto os fatores *Enfrentamento Bicultural* e o *Pensamento Cultural da Velha Escola*. Os autores explicam que as mensagens de *Enfrentamento Bicultural* ignoram as experiências racializadas, e isso pode resultar em avaliações ambivalentes frente a incidentes de natureza racista.

Wang, Benner e Kim (2015) desenvolvem um estudo com o objetivo de adaptar e estender a medida de socialização do patrimônio cultural do endo-grupo (Umaña-Taylor & Fine, 2004) para avaliar quatro tipos de socialização cultural: dos pais, do próprio grupo, dos pares e da cultura dominante. A socialização cultural é definida como o processo de aprendizagem sobre a própria cultura e de desenvolvimento do sentimento de pertença a um grupo cultural.

Para os autores, os estudiosos têm se dedicado mais à análise da aprendizagem do patrimônio cultural do endogrupo, e menos à análise da aprendizagem da cultura dominante em diferentes contextos ecológicos.

Assim, no processo de construção desse instrumento os autores aproveitaram itens da escala de socialização cultural *Familial Ethnic Socialization Measure* – FESM, desenvolvida por Umaña-Taylor et al. (2004), que analisa os dois primeiros tipos de socialização cultural (endogrupo vs. cultura dominante) em país e entre os pares. A escala FESM é composta por seis itens que avaliam os esforços explícitos dos pais para ensinar seus filhos sobre a cultura de seu grupo (Ex: “Minha família me ensina sobre a origem étnica/cultural de nossa família”) e seis itens que avaliam os esforços menos explícitos dos pais para fazê-lo (Ex: “Minha família participa de atividades específicas do meu grupo étnico”).

Esses 12 itens foram adaptados pelos pesquisadores para contemplar a socialização cultural dos pares, substituindo-se a palavra “minha família” por “meus amigos”. Além disso, foram incluídos itens para avaliar a socialização cultural da família e dos pares relativamente à cultura dominante (24 itens no total), substituindo-se a palavra “étnico/cultural” por “cultura americana dominante”. O questionário final foi composto por 48 itens, que eram respondidos sob uma escala que variava de 1 (nunca) a 5 (sempre). Um estudo piloto conduzido com jovens adultos testou a nova composição de itens, os respondentes sugeriram reformulações e acréscimos. Noutro estudo, este com adolescentes, verificou-se as propriedades psicométricas da escala. Nesse estudo, confirmou-se a estrutura fatorial da escala e a configuração explícita e implícita dos itens em conformidade com o estudo realizado com os jovens adultos.

Os itens da escala FESM demonstraram alta confiabilidade, verificando-se invariabilidade na estrutura fatorial em função de fatores sociodemográficos (ex: sexo, raça/etnia, naturalidade, status socioeconômico, idioma da avaliação). Nessa escala, ficou evidente a natureza multidimensional da socialização cultural, dado que essa prática abrange vários aspectos da cultura (histórias, costumes, valores, crenças) e que ocorre de várias formas (explícitas e implícitas) e em diferentes contextos de interação (família, grupos de pares).

Por fim, é importante destacar que a forma de mensuração da socialização étnica varia em função do público a ser investigado. As escalas aqui apresentadas, em sua maioria, foram desenvolvidas para estudos com adultos (os agentes de socialização como pais e professores) e com adolescentes. Para avaliar a socialização étnica em crianças pequenas, pode ser mais adequado o uso de questões abertas que se apoiem em recursos lúdicos ou a observação de interação

em situações planejadas, tais como os grupos focais com crianças. No próximo capítulo analisaremos os achados derivados das pesquisas sobre socialização e seus impactos sobre o comportamento e a vida psicológica dos indivíduos.